AVALANCHE

Uma vez canalizada para a violência, a energia humana permanece gerando violência ainda por muito tempo, mesmo quando os inimigos naturais que foram responsáveis pelo seu surgimento já não existam. Quando isso ocorre, o que se dá é uma reorientação do sentindo dessa violência em busca de rumo diverso e não o seu amortecimento súbito.

Frederico Pernambucano De Mello - Guerreiros do Sol

Sinopse

Novembro. Zé limpa o terreiro e mata um carneiro para receber, junto com Maria, sua esposa, Pico, seu filho e sua família, a chegada do folguedo do grupo O BANDO que inicia os preparativos da Novena de Santa Luzia.

Após a Novena, sua casa é invadida por ladrões. Instigados por Maria, Zé decide comprar uma arma. Na noite seguinte, enquanto os pais dormem, o rapaz se diverte na festa pagã da cidade, até que encontra os ladrões e inicia uma perseguição que terminará em tragédia.

Justificativa

Um pequeno povoado, que mantém suas tradições há anos, o modo de viver é passado de geração em geração. Não há regras, mas há dogmas e conceitos que são seguidos e hoje ameaçados pela invasão da cidade que cresce rápido ao seu redor, trazendo novos conceitos de vida, novas maneiras de comunicação e de enxergar esse mundo que está sendo engolindo. Os mais velhos resistem, os mais novos se adaptam e essa nova maneira de viver estabelece uma força entre o tradicional e o novo. De uma certa forma uma briga de poder entre esses dois lados.

A violência é uma das consequências geradas, antes passiva dessa invasão, ela encontra nessa história como um ponto de partida para a desestruturação de um família. AVALANCHE vai tratar de uma relação familiar entre, pai, mãe e filho que a partir de um ato de violência, gera um abalo entre seus membros desencadeando uma série de conflitos que acaba seguindo um outro rumo de violência. Trata-se, também, de uma relação de poder, de hierarquia entre pai e filho.

O filme se passa em um pequeno povoado do interior de Alagoas, expondo as tradições típicas desse locais, como os folguedos, cavalgadas, as procissões e as festas "profanas". Com o desenvolvimento da cidade ao redor, essas tradições estão sendo esquecidas, a violência bate na porta dessa comunidade e transformam a maneira de pensar e agir dessas pessoas.

Em um segundo plano, AVALANCHE busca um registro dessas tradições populares que mostram o interior de Alagoas e sua importância para formação cultural do Estado. Não se prendendo apenas aos grandes centros, mas também a influência que o interior tem na sociedade e vice-versa.

Elementos do Roteiro

Bandos

Povoado Tapera - Anadia/AL

Grupo de trinta a quarenta personagens mascarados, uns a cavalo, outros a pé, que fazem corridas pelo povoado, anunciando a festa de santa que irá acontecer dentro de quinze dias. Enquanto o grupo corre e dança, a Bandinha de Pífano toca durante todo o tempo.

Para festejar, os moradores confeccionam máscara utilizando papel e cola de maisena. Fantasiam-se colocando várias peças de roupas, uma por cima da outra, usando luvas, barriga postiça, sacos e também é comum que troquem as peças entre si. A ideia é se divertir sem que sejam reconhecidos e deixar o mistério de quem está por baixo da roupa de bandos.

Festa da Padroeira

A festa profana que acontece em Tapera, povoado pertencente ao município de Anadia, anuncia as comemorações da padroeira Santa Luzia e é realizada há mais de100 anos, sempre no último domingo de novembro. O dia da padroeira é dia 13 de dezembro.

Os festejos acontecem nos povoados e nas cidades, normalmente com missas e quermesses durante o dia e a noite tem as festas profanas, com leilões, parque e apresentações musicais.

Cronos

Na mitologia grega, Cronos era a principal divindade da primeira geração de titãs. Estava relacionado com a agricultura e também o tempo. Filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra) era o mais jovem da primeira geração de titãs.

De acordo com a mitologia, Cronos tirou seu pai do poder, casou-se com a irmã Réia e governou durante a Idade Dourada da mitologia. Seu poder perdurou até ser derrubado pelos filhos Zeus, Poseidon e Hades.

De acordo com a mitologia, Cronos temia uma profecia segundo a qual seria tirado do poder por um de seus filhos. De temperamento violento e negativo, Cronos passou a matar e devorar todos os filhos gerados com Réia. Porém, a mãe conseguiu salvar um deles, Zeus, escondendo-o numa caverna da ilha de Creta. Para enganar Cronos, Réia deu a ele uma pedra embrulhada num pano que ele comeu sem perceber.

Ao crescer, Zeus libertou os titãs e com a ajuda deles fez Cronos vomitar os irmãos (Hades, Hera, Héstia, Poseidon e Deméter). Zeus, com a ajuda dos irmãos e dos titãs, expulsou Cronos do Olimpo e governou como o rei dos deuses gregos. Como tinha derrotado o pai Cronos, que simbolizava o tempo, Zeus tornou-se imortal, poder estendido também aos irmãos.

Portifólio do Diretor

Leandro Alves

Graduado em Administração (Universidade Estadual de Alagoas - 2007)
Pós Graduação em Recursos Humanos (Universidade Estadual de Alagoas – 2008)
Graduado em Produção Audiovisual (Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA - 2011 - Campina Grande)

Cursos complementares:

Curso de Extensão em Produção de Documentário pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 2010, ministrado por André da Costa Pinto;
Curso de Extensão em Produção de Documentário pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 2011, ministrado por André da Costa Pinto;
Curso como aluno especial da disciplina Narrativa Audiovisual pelo Mestrado em comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ministrado por Bertrand Lira;
Oficina de Direção realizada pelo Comunicurtas Festival do Audiovisual da UEPB 2010 ministrado por Torquato Joel.
Residência em Roteiro realizada pelo SESC ministrado por René Guerra – 2014
Curso de Roteiro realizado pelo CANNE ministrado por

Texto Publicado:

SILVA, Leandro Alves da; LIRA, Bertrand. Documentário e ficção: uma análise sobre as divergências desses dois gêneros. Revista Temática. Ano VII, n. 04, Abril de 2011. [www.inset.pro.br].

Oficinas realizadas

Oficina de Vídeo e fotografia para a comunidade da Ilha de Matarandiba em Vera Cruz (BA) pela Universidade Federal da Bahia (2012)
Minicurso em Produção de Documentário pelo SESC – ARAPIRACA (2012)
Oficina de cinema na I MOSTRA BATALHENSE DE CULTURA INDEPENDENTE (2012)
Minicurso de Linguagem Audiovisual pelo SESC –ARAPIRACA (2013)

Hoje tem Espetáculo? (2010 - PB)

Função: Diretor
Gênero: Documentário

Sinopse:
Palhaço é sinônimo de felicidade, risadas, brincadeiras e palhaçadas. Mas o que há por trás da face do palhaço?"Hoje tem espetáculo?" apresenta ahistória desses homens contada por eles mesmos, pelo palhaço sem a maquiagem.

Festivais

·II JERIDIGITAL - FESTIVAL DE CINEMA DE JERICOACOARA
·V FESTIVAL DE CINEMA COM FARINHA;
·VI COMUNICURTAS – FESTIVAL DO AUDIOVISUAL DE CAMPINA GRANDE
·V CINEPORT
·XXI GOIANIA MOSTRA CURTAS;
·VII CURTA CANOA – FESTIVAL LATINO-AMERICANO DE CINEMA DE CANOA QUEBRADA;
·VII FEST ARUANDA DO AUDIOVISUAL BRASILEIRO
·II FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS
·VI VALE CURTAS - FESIVAL NACIONAL EC DURTAS-METRAGENS DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Mostras:
·III SEMANA CURTA CAMPINA (SESC – CAMPINA GRANDE/PB)
·V MOSTRA SESI DE CINEMA BRASILEIRO (MACEIÓ/AL)
·I SEDA ARAPIRACA - SEMANA DO AUDIOVISUAL (ARAPIRACA)

Premiações:
·MELHOR DOCUMENTÁRIO PELO JÚRI POPULAR - V FESTIVAL DE CINEMA COM FARINHA
·PREMIO JOÃO CARLOS BELTRÃO DE MELHOR PLANO CINEMATOGRÁFICO - VI COMUNICURTAS – FESTIVAL DO AUDIOVISUAL DE CAMPINA GRANDE
· MENÇÃO HONROSA - VI COMUNICURTAS – FESTIVAL DO AUDIOVISUAL DE CAMPINA GRANDE
·TROFÉU ARUANDA/CHESF PARA MELHOR CURTA PARAIBANO - VII FEST ARUANDA DO AUDIOVISUAL BRASILEIRO

Links do filme na internet:
http://curtadoc.tv/curta/artes/hoje-tem-espetaculo/
http://www.youtube.com/watch?v=193jfChHgLs

Estrelando José Sawlo (2011 - PB - 20 min.)

Função: Diretor
Gênero: Documentário
Sinopse:
José Sawlo é um apaixonado por cinema, ao ganhar de presente uma câmera de sua mãe, começou a produzir seus próprios filmes. Seu trabalho amador já lhe rendeu cerca de 3 longase alguns curtas, frutosprincipalmente do seu amor pela sétima arte.

Festivais:
·VI COMUNICURTAS – FESTIVAL DO AUDIOVISUAL DE CAMPINA GRANDE
·II CURTA COREMAS (COREMAS/PB)
Mostras
·III SEMANA CURTA CAMPINA (SESC – CAMPINA GRANDE/PB)
·I SEDA ARAPIRACA - SEMANA DO AUDIOVISUAL (ARAPIRACA)

Salão dos artistas (2012 - AL - 13 min.)

Função: Professor-Orientador
Gênero: Documentário

Sinopse:
É barba, cabelo ou música? Lá na barbearia de Seu Cecílio não se corta apenas cabelo ou se faz a barba.

Festivais
·III FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS (2013)
·IV MOSTRA SURURU DE CINEMA ALAGOANO
Mostras
·II SEDA ARAPIRACA - SEMANA DO AUDIOVISUAL (ARAPIRACA)
Premiações:
·SELECIONADO PARA A TERCEIRA TEMPORADA CURTADOC EXIBIDO PELA SESCTV SÃO PAULO
·PRÊMIO VELHO CHICO DE CINEMA ALAGOANO NO III FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO DE PENEDO

Links do filme na internet:
http://curtadoc.tv/curta/cotidiano/salao-dos-artistas/
http://www.youtube.com/watch?v=lawaP8isosc

Flamor (2013 - PB - 13 min.)

Função: Diretor
Gênero: Ficção
Sinopse:
Aos 16 anos, Luzia deixa a vida rural e vai trabalhar como doméstica na cidade. A liberdade e a solidão de um domingo lhe apresentam sensações que até então ela nunca havia experimentado. Adaptação do conto Flamor,do Livro Diabolô, de Nilton Resende.

Festivais
·IV MOSTRA SURURU DE CINEMA ALAGOANO
·VIII FESTIVAL DE CINEMA CURTA CABO FRIO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
·IX ENCONTRO NACIONAL DE CINEMA E VÍDEO DOS SERTÕES

Mostras
·II SEDA ARAPIRACA - SEMANA DO AUDIOVISUAL (ARAPIRACA)

Roteiro

Avalanche

Por

Leandro Alves

(82) 9933-0164
leandroaudiovisual@gmail.com

EXT. TERREIRO DA CASA DE ZÉ - DIA

Debaixo de uma grande árvore com a copa rica de folhas e frutas, amarrado em uma de suas patas traseira e pendurado em um galho de cabeça pra baixo, o carneiro se contorce e berra tentando se libertar das amarras.

ZÉ (65 anos, pele branca e maltratada do sol), se aproxima do animal e com suas mãos trêmulas segura uma faca e perfura algumas vezes a parte de cima do pequeno crânio do carneiro até paralisa-lo.

MARIA (63 anos, pele branca e postura saudável) está ao lado, varrendo a calçada da casa e jogando a poeira no terreiro de barro.

Imóvel e ainda vivo,o carneiro recebe o corte de misericórdia em seu pescoço, rasgando-lhe o couro peludo e fazendo jorrar o sangue na bacia velha de alumínio que está em baixo.

Zé ajusta o recipiente para que o sangue não caia no chão,escuta-se os sinos da igreja tocar.

TÍTULO DO FILME: AVALANCHE

EXT. TERREIRO DA CASA DE ZÉ - DIA

A tampa é retirada do buraco. As pessoas se aglomeram em volta e alguns toma a frente dos outros, as crianças são as mais agitadas olhando para o calderão que se encontra no fundo.

Zé encaixa um pau na argola do calderão.

Um homem grita.

HOMEM
Deixa eu ajudar!

Enquanto retiram o calderão, alguns gritam e outros afastam as crianças pra que não se queimem.

Zé carrega o calderão segurando numa extremidade do pau, preso na argola, enquanto o homem que gritou segura a outra ponta.

Na cozinha, MARIA espera o calderão que passa no meio de todos.

Do canto do terreiro, em uma mesa, observando a retirado do carneiro do buraco,PICO (20 anos, pele branca, magro e saudável) bebe e conversa com amigos.

(CONTINUED)

AMIGO 1
Teu buraco faz sucesso visse?

(GARGALHADAS)

PICO
Meu buraco é o melhor rapá! Tá pensando o que?(risos)

AMIGO 1
Quem matou o carneiro?

PICO
Foi Pai!

AMIGO 2
Sozinho?

PICO
Sim matou o carneiro e cavou o buraco, disse que ainda podia fazer isso sozinho, vei teimoso!

AMIGO 2
Olha quem fala! Tu vai ser pior que ele! Imagina tu nessa idade!

PICO
Agora seja!

Pico vira um copo de cachaça!

Com alguns pratos sujos na mão, Maria se aproxima de Pico e amigos.

MARIA
Ainda tem carne aí Pico?

PICO
Cabou mãe!

Maria recolhe o prato vazio da mesa onde Pico se encontra com os amigos.

MARIA
vou pegar mais!

INT. COZINHA DA CASA DE ZÉ - DIA

Na cozinha, Maria retira do caldeirão o carneiro assado, despejando os pedaços de carne nos pratos ao lado.

Ao terminar de encher os pratos se vira pra sair pro quintal e dá de frente com um mascarado que aparece de repente de dentro de sua casa. Maria se assusta com a figura de máscara colorida que a reverencia e começa a tocar um pífano saindo em direção ao terreiro.

EXT. TERREIRO DA CASA DE ZÉ - DIA

O terreiro é invadido por vários mascarados que tocam instrumentos de percusão e de sopros, um deles segura uma haste com a imagem de SANTA LUZIA.

Zé entra na dança e pegando um pandeiro começa puxar uma cantiga ao ritmo da percusão do Folguedo, algumas pessoas fazem uma roda e arrastam os pés.

PICO se levante com um copo de bebida e observa a manifestação balançando o corpo e gritando algumas palavras que se misturam ao som dos instrumentos.

EXT. FRENTE CASA DE ZÉ - NOITE

As últimas pessoas se despedem de Maria enquanto Pico coloca sua moto para dentro de casa.

EXT. ESTRADA PARA POVOADO - NOITE

Rodas giram em alta velocidade levantando poeira na estrada de barro. Da boca do cano de escape sai um estampido alto que quebra o silêncio da madrugada pacata no povoado. Em cima da moto estão dois homens sem capacetes, calças jeans e camisas folgadas.

A moto encosta na frente da casa de Zé, e o homem que estava na garupa desce, pula o quintal da casa enquanto o segundo espera na moto.

INT. CASA DE ZÉ - NOITE

Zé está dormindo com Maria na cama. A casa está em silêncio. No outro quarto, Pico também está dormindo.

No quintal, está o homem da motocicleta que acabou de pular o muro, ele começa a pegar tudo que encontra pela frente, desde roupas a pequenos objetos de valor.

(CONTINUED)

O silêncio da casa é quebrado por passos e objetos que caem no chão.

Zé acorda com o barulho e pergunta a Maria se escutou alguma coisa. Pico também acorda assustado. Zé se levanta da cama e vai ver o que está acontecendo. Sua esposa ainda tenta impedir que ele se levante. Pico também está em pé no meio da sala e espera o pai.

No quintal, o ladrão junta alguns objetos em um canto da parede, e procura algo pra colocar tudo dentro.

Ao chegarem na cozinha, Zé e Pico vêem, pela janela, a movimentação do ladrão no quintal.

PICO
Quem tá aí?

Os dois estão nervosos e não sabem como agir. O ladrão escuta os gritos e se agita, pega tudo o que dá pra levar nas mão e começa a jogar pra o lado de fora. Antes de pular o muro pra sair da casa, pega uma garrafa de vidro vazia e arremeça em direção a janela.

Os estilhaços de vidro se espalham pela casa toda.

Os dois se abaixam e ficam por trás da mesa.

PICO
Filho da puta.

Maria assustada dá um grito lá da sala.

MARIA
Ai meu Deus.

PICO
Se abaixa mãe.

Em estado de choque, chorando e tremendo muito, Maria está deitada no chão gritando. Zé fica ao lado dela paralisado e sem saber como agir.

Pico corre em direção a porta da frente de casa.

EXT. CASA DE ZÉ - NOITE

O ladrão pega as coisas que jogou por cima do muro, sobe na moto e sai em disparada.

Pico abre a porta de casa e vê a moto se afastando. Corre em vão atrás dos homens, que olham para ele enquanto se distânciam.

INT. CASA DE ZÉ - NOITE

Uma vela está acesa sobre o altar improvisado, a imagem de Santa Luzia, e uma bíblia. Maria está ajoelhada, as mãos juntas ao rosto, e os olhos fechados. Entre seus dedos um rosário pendurado.

MARIA
Santa Luzia, protegei os meus olhos
e conservai a minha fé.
Santa Luzia, dai-me luz e
discernimento.
Santa Luzia, rogai por nós.
Amém.

INT/EXT. CASA DE ZÉ - QUINTAL DA CASA DE ZÉ - DIA

Pico se levanta e sai pra cozinha. O pai está sentado em silêncio na mesa posta com cuscuz, pão, leite, café, manteiga, pratos e talheres.

PICO
Bença pai!

ZÉ
Deus te abençoe.

PICO
Cadê mãe?

Zé, em silêncio, faz um movimento com a cabeça apontando em direção ao quintal. Pico vai até lá.

Maria está agachada, com uma pá numa mão e a vassoura na outra, ela apanha o lixo deixado pela a invasão do ladrão.

PICO
Bença!

MARIA
Deus te abençoe!

Pico está olhando Maria apanhar o lixo.

PICO
A senhora tá bem?

MARIA
Minha vontade na hora era ter uma
arma na mão pra acabar com a vida
desses demônios. Tenho até medo
deles voltarem.

(CONTINUED)

PICO
A gente vai ter que fazer alguma coisa. Ah se eu encontro esses bandidos na rua.

A voz de Zé ecoa.

ZÉ
Você não vai fazer nada!

Pico volta pra cozinha e encara o pai que estava escutando toda conversa. Calmo, Zé pega um pedaço de pão, come, depois toma um gole de café.

PICO
E o senhor vai fazer o que? ficar aí parado esperando esses bandidos de novo? Eu vou achar esses caras.

ZÉ
Você vai ficar queto! Tá ouvindo? Quem manda aqui ainda sou eu!

Zé continua tomando seu café.

Pico sai da cozinha sem olhar para o pai, enquanto Maria observa tudo da porta.

EXT. FEIRA - DIA

Peças de carne são expostas penduradas nas barracas. Em balaios estão acerolas, ciriguelas e amendoins que são vendidos por litro pra um cliente que passa e pergunta o preço; o carrinho de mão é improvisado com uma grande tábua em cima que serve como depósito de tomates, alfaces, cebolas, alho, cuentro, cenouras e outras verduras; potes de barros no chão, filtros, sacos abertos de farinha, feijão e arroz se acumulam por entre as barracas e as pessoas que circulam na feira.

Zé está cortando um pedaço de charque pra experimentar a qualidade. Fala alguma coisa ao feirante que recebe o dinheiro e embrulha um grande pedaço da carne com a mesma mão.

Passeando pela feira, cheio de sacolas nas mãos, Zé prova uma acerola do lado, compra tomates no carinha que está com o carrinho de mão improvisado, pára em uma barraca e pede pra deixar as sacolas por lá pra pegar depois.

Zé entra em um pequeno depósito e conversa com um senhor que lhe entrega um grande pacote embrulhado. Em seguida, Zé sai do depósito com o pacote nas mãos.

EXT. PROCISSÃO/GAVALGADA - DIA

Ouve-se uma canção religiosa csntada por várias vozes.

(SUGESTÃO DE UM CÂNTICO TRISTE COM A LETRA QUE TENHA ALGO SOBRE "PARTIDA", MORTE, PERDÃO)

Lado a lado, Zé e Maria caminham e cantam seguindo algumas dezenas de pessoas. logo se vê a frente, carregada por quatro homens, um pequeno altar com muitas flores e a imagem da santa Luzia sobre ele.

A pequena procissão abre caminho para a chegada da cavalgada que passa no meio dos fiéis.

Sobre um dos cavalos, com um copo de bebida na mão, Pico é o cavaleiro mais agitado.Dando várias exporadas no lombo do animal que responde pulando de um lado pra outro ficando algumas vezes apenas sobre as duas patas traseiras.

Parando de cantar, Zé observa o filho que passa por eles no meio da procissão.

INT. CASA DE ZÉ - NOITE

A vela acesa, a imagem de Santa Luzia, a Bíblia. Maria está ajoelhada em frente ao altar, olhos fechados e o rosário na mão em frente ao seu rosto.

A casa que é pequena, parece enorme, com Maria rezando no cantinho da casa em meio ao silêncio e o vazio do lugar.

O quarto de Pico está quieto, silencioso, com a cama forrada e seus objetos guardados cuidadosamente sobre o guarda roupa.

Zé está na cama, dormindo, inquieto com alguma coisa.

EXT. ENTRADA/FUNDOS DA DISCOTECA - NOITE

O prédio é velho e tem a palavra DISCOTECA pintado de forma grosseira no alto. A casa fica próximo aos barquinhos do pequeno parque de diversões que está montado em frente a igreja.

O movimento em frente a discoteca é intenso e o som que vem de dentro se mistura com os gritos do locutor do leilão que sai do trio onde as bandas irão tocar.

(AOS POUCOS O SOM DE RISADAS, SUSSUROS, BEIJOS E GEMIDOS SE MISTURAM COM O SOM DA DISCOTECA E DO LADO DE FORA DO PARQUE, FICANDO MAIS INTENSO)

(CONTINUED)

Próximo aos fundos da discoteca em um lugar mais escuro e reservado Pico está agarrando uma mulher, os dois se divertem. Pico levanta o vestido da mulher encostando-a na parede. Abre as pernas dela enquanto baixa um pouco suas calças. A penetra com força, surpreendendo a mulher, que emite um gemido. Ela beija o pescoço dele, e agarra os cabelos de Pico susurrando em seu ouvido.

Do outro lado da rua Pico avista dois homens que montam em cima de uma motocicleta e saem em disparada.

Soltando a mulher e levantando as calças rapidamente, Pico corre para sua moto e sai atrás dos dois.

MULHER
O que foi? Vai me deixar aqui é?

EXT. ESTRADA PARA POVOADO - NOITE

De longe se avista o farol de uma moto que vem em alta velocidade. o barro alaranjado começa a levantar poeira com a passagem da motocicleta. Pico vem logo atrás, alguns segundos depois, com os olhos tensos, prestando atenção na moto que está a sua frente.

A moto com os dois homens passa pela frente da casa de Pico, seguido por ele que surge logo depois se aproximando cada vez mais dos dois.

Ao chegar mais próximo, a moto de Pico dá um salto quando passa por um buraco e ele freia tentando controlar. No movimento, desvia um pouco da estrada em direção ao acostamento, quase indo de encontro com as cercas de madeira.

Os homens percebem que estão sendo perseguidos, e param. Pico, nervoso, reduz a velocidade e percebe que está indefeso. Toma o sentido contrário.

EXT. FRENTE CASA DE ZÉ - NOITE

A rua está escura, apenas um poste com uma luz bem fraca ilumina a frente da casa de Pico, que está com as luzes todas apagadas. Olhando para trás, Pico percebe que o farol da moto está apontado em sua direção.

Ele atravessa a cerca da casa, empurrando a moto, e vai em direção ao quintal de casa. Pico coloca a mão no bolso e percebe que está sem a chave. Força o ferrolho da porta e bate forte algumas vezes, chamando pelo pai e pela mãe. O som do trio elétrico é muito alto e ele não tem resposta. Decide pular o muro pra chamar de dentro do quintal.

INT. CASA DE ZÉ - NOITE

Zé está dormindo com Maria na cama, com o ventilador ligado, a bíblia e o terço no criado mudo, ao lado de Maria.

Maria acorda com o barulho quem vem lá do quintal. Alguém tinha novamente pulado o muro.

Ela acorda Zé rapidamente. O homem, como se já soubesse do que se trata, levanta de súbito, vai em direção ao guarda-roupa e pega o pacote que tinha apanhado de manhã na feira. Retira do embrulho a espigarda e corre em direção a cozinha, com a arma apontada para a janela que dá acesso ao quintal.

Suas mãos tremem segurando a arma.

Aproxima da janela. Aperta o gatilho. O som do tiro é ouvido ao mesmo tempo que o grito de Pico: "Pai".

FADE PARA O PRETO

INT. CASA DE ZÉ - NOITE

Sentado em uma cadeira, de costas, Zé segura a espingarda apoiada no chão, imóvel, a respiração lenta e o olhar perdido em algum lugar.

Ouve-se ao fundo os gritos de desespero de Maria.

Crétidos finais...

1.AVALANCHE
Por Amadeu Pires Monteiro (Portugal) em 18-12-2009
S.f. o m.q. avalancha
1 - Grande massa de neve que se desprende dos montes com violência e estrépito; alude. O fenómeno é frequente na Primavera e no princípio do Verão, quando a fusão do gelo amolece a neve e o solo subjacentes. A força da avalanche pode criar uma rajada de ar mais perigosa ainda que ela própria. Nas zonas montanhosas fazem o mesmo trajeto várias vezes. Algumas arrasam povoações e estradas;
2 - [fig.] Invasão súbita;
3 - [fig.] Queda repentina de objetos pesados, acompanhada de ruído.
Doo francês "avalanche", "idem"